

A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Uma luta comum dos povos lusófonos

Não há um responsável governamental que em Portugal se ocupe em exclusivo das relações com os povos e países da nossa fala comum



Vítor Ramalho

NUNCA ME CONFORMEI COM o facto de as relações com os povos e os países da nossa fala comum não serem estrategicamente mais profundas, parecendo subsumirem-se a relações de natureza económica.

É certo que elas não se limitam a isso, face à afectividade e ao encontro secular de culturas existentes, ao papel das universidades, da Igreja Católica e ao mais que se sabe. É certo que todos os nossos países fazem parte da CPLP, o que não ocorre com nenhuma outra instância internacional da mesma natureza. É certo que a Constituição portuguesa salvaguarda direitos, em reciprocidade, aos dos demais nacionais dos países da nossa fala e que a legislação ordinária aprofunda. É certo que quando a nível internacional está em causa um interesse comum procuram concertar-se esforços entre todos.

Tudo isto é certo mas não é menos certo que é possível, necessário e urgente que essas relações vão mais longe e com uma preocupação estratégica de tratar de modo diferente o que é diferente.

Desde logo, não há um responsável governamental que em Portugal se ocupe em exclusivo das relações com os povos e países da nossa fala comum. Independentemente de o domínio da cooperação ter sido sempre confiado a uma secretaria de Estado e não a um ministério, aquela foi sempre transversal, abrangendo por isso todos os países do mundo.

Não faz qualquer sentido. As nossas relações são diferentes. Por isso há domínios da maior importância a que não se tem dado relevância.

Um deles persegue-me há muito. Tem a ver com o facto de nos anos 60 do



Mário Soares condecora o escritor José Craveirinha em 1991

século passado os jovens estudantes universitários das ex-colónias que vinham estudar para Portugal, por ausência de instituições de ensino superior nas suas terras, terem levado a cabo um projecto solidário e único. Reunidos na Casa dos Estudantes do Império, esses então jovens, irmanados com os estudantes universitários portugueses, levantaram a bandeira da autodeterminação, da independência e da liberdade. A partir daí forjaram-se intelectuais de referência, que escreveram na “Mensagem” da “Casa”, como lhe chamava Pepetela, no romance “A Geração da Utopia”.

Alda do Espírito Santo, Manuel Lima, António Jacinto, Alda Lara, Craveirinha e tantos tantos outros foram também associados dela. Ali se formaram políticos como Chissano, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Pedro Pires, Gentil Viana, Manuel Pinto da Costa, para só falar de alguns.

A Casa dos Estudantes do Império, criada pelo anterior regime, foi encerrada

pela PIDE após cerca de 120 desses jovens terem organizado uma saída clandestina de Portugal para integrarem os movimentos e os partidos que lutaram pelas independências.

Esta situação é singular e única, expressando a convergência da luta comum dos nossos povos face ao mesmo adversário, no caso o regime anterior, desenhado em Lisboa.

Em recente visita a Luanda, enquanto secretário-geral da UCCCLA, expus a ideia de levar a efeito uma justa homenagem àqueles jovens, sem óbvias distinções partidárias e na lógica do desejo de um desígnio comum. Espero que essa homenagem, condigna, possa ser uma pedra nas relações entre os nossos povos que não se deve confiar às relações económicas, como têm sido na essência.

Sendo uma obrigação da UCCCLA promover e homenagear aqueles jovens e o papel da “Casa”, em cooperação institucional, essa é também uma obrigação de todos os povos da nossa fala comum.